

EXPOSIÇÃO | EXHIBITION

# FRAGMENTOS MEDIIEVAIS

CAPELA DE SÃO MARTINHO

20 JUL. JULY - 29 AGO . AUG 2021  
TER-DOM . TUE-SUN - 10H-13H | 14H-18H





# FRAGMENTOS MEDIÉVAIS

CAPELA DE SÃO MARTINHO

## ÓBIDOS MEDIEVAL

Um denso mistério percorre a História de Óbidos no arranque da Idade Média. Se a presença romana começa a ser desvendada com as escavações arqueológicas da antiga cidade de Eburobritium, que remonta aos séculos I a.C. a V d.C. Já no que se refere à presença germânica, não possuímos documentos ou provas arqueológicas que revelem Óbidos e o seu termo. Realidade que se mantém com a presença islâmica.

Tradicionalmente refere-se a conquista militar de Óbidos como um astuto plano de D. Afonso Henriques e Gonçalo Mendes da Maia que, entrando pela porta da traição do castelo, permitiu a ofensiva à alcáçova. No entanto, devemos recordar que Óbidos passa para posse cristã em 1148, numa época em que o arco cristão entre Santarém e Lisboa (1147) já estava formado. Ganha assim força a hipótese de uma transferência de posse menos belicosa.

Os historiadores referem algumas características islâmicas na vila como o urbanismo de traço sinuoso, o encerramento do espaço privado e conquistador do espaço público e a provável existência de uma comunidade moçárabe (cristãos sob domínio islâmico) na encosta do Mocharro.

Nos anos subsequentes à reconquista cristã, Óbidos era um termo de grandes dimensões, de bons solos agrícolas e lagoa rica de pesca, mas com fraca densidade populacional.

Os primeiros reis de Portugal conferiram a Óbidos uma considerável importância estratégica reforçando os seus sistemas defensivos, construindo ou reconstruindo torres, torreões, cercas e portas. Os nomes de D. Sancho, D. Dinis e D. Fernando ainda hoje são utilizados quando nos referimos à torre albarrã ou à torre de menagem.

Apesar disso, não existem muitos relatos de confrontos militares em Óbidos, apenas o cerco de D. Afonso, conde de Bolonha, à vila, que se manteve fiel ao rei D. Sancho II. A contenda entre os dois irmãos veio a terminar com a subida ao trono de D. Afonso III que reconheceu a lealdade de Óbidos ao rei deposto e atribuiu-lhe a designação de mui nobre e leal.

No período medieval surge outra referência da história de Óbidos: a incorporação da vila no património das rainhas de Portugal, a futura “Casa das Rainhas”. Aquando da realização do casamento, a rainha recebia um conjunto de doações vitalícias que deveria administrar para seu sustento. Óbidos, a partir de D. Urraca (mulher de D. Afonso II), passou a constar nessa lista até ao século XIX. Sucedem-se então exemplos da relação entre Vila e Rainhas. Santa Isabel (rainha casada com D. Dinis) terá fundado na vila um Hospital dos gafos (leprosos) com a capela de São Vicente e, na cerca do castelo, o Convento das Donas de São Domingos, a capela do Senhor Jesus dos Milagres e o paço da rainha. D. Filipa de Lencastre (mulher de D. João I) geriu o território do termo de Óbidos com grande firmeza e eficácia económica e D. Leonor marca definitivamente a mudança ajudando Óbidos a entrar na Idade Moderna.

No final da Idade Média a vila possuía uma cintura de muralhas semelhante à actual e tinha fortes colegiadas religiosas que a enriqueciam. Depois disso a antiga judiaria deu lugar à Rua Nova e as igrejas sofreram profundas alterações nos séculos seguintes, com a excepção da capela funerária de São Martinho. Esta capela é um genuíno testemunho medieval da Vila.

